

GOFFMAN E OS MILITARES:

SOBRE O CONCEITO DE INSTITUIÇÃO TOTAL¹

Celso Castro²

A socialização militar ocorre em estabelecimentos relativamente autônomos em relação à sociedade abrangente. Essa autonomia, vale enfatizar, é *relativa*. Ao fazer essa afirmação, não pretendo, de forma alguma, dizer que há uma separação de fato, em termos de interação social. O que busco é chamar atenção para a força do processo de construção de *fronteiras simbólicas* que está na base da identidade militar. Esse processo leva à percepção de qualidades claramente distintivas entre “militares” e “civis” (ou “paisanos”), entre o “aqui dentro” (o “meio” ou “mundo militar”) e o “lá fora” (o “meio” ou “mundo civil”).³

Um dos conceitos mais comumente utilizados para dar conta dessa qualidade da instituição militar é sua classificação como uma *instituição total*. Esse conceito foi utilizado pela primeira vez em 1957 pelo sociólogo canadense Erving Goffman para designar “um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.” (1974:11)⁴ Mais adiante, Goffman explica melhor sua definição:

“Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral.

O aspecto central das instituições totais pode ser descrito como a ruptura

¹ Uma versão anterior deste texto foi apresentada oralmente no “Seminário Roberto Cardoso de Oliveira - transformações sociais e culturais no Brasil contemporâneo: perspectivas antropológicas”, realizado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ em 29/3/2007. Sou grato a Gilberto Velho pelo convite para participar do evento. Agradeço também a Fernanda Chinelli e Piero Leirner pela leitura atenta e pelos comentários feitos (e incorporados) a este texto.

² Pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: celso.castro@fgv.br.

³ Para um estudo sobre a construção da identidade militar, ver Castro (2004[1990]).

⁴ Erving Goffman, “Characteristics of Total Institutions,” in: *Symposium on Preventative and Social Psychiatry*, Sponsored by the Walter Reed Army Institute of Research, the Walter Reed Army Medical Centre, and the National Research Council, Washington, (Government Printing Office, 1957), pp. 43-93. Este texto foi posteriormente revisto e incluído como primeiro capítulo de *Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates* (New York: Doubleday Anchor, 1961), traduzido para o português como *Manicômios, conventos e prisões* (Goffman, 1974).

das barreiras que comumente separam essas três atividades da vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta por cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.” (p.18)

Goffman inclui quartéis (p. 17, 21) e academias militares como exemplos de instituições totais (pp. 24-25 e 55), embora utilize como referências básicas, para a construção de seu “tipo ideal”, as prisões e os manicômios. Quando se refere às academias militares, sua única fonte é o texto de Sanford M. Dornsbuch, “The Military Academy as an Assimilating Institution” (1955), no qual o autor relembra e analisa sua experiência como cadete da Academia da Guarda Costeira dos Estados Unidos. Dornsbuch permaneceu nessa academia militar apenas dez meses, de um curso total de quatro anos.



De fato, colocando-nos na perspectiva de um cadete do primeiro ano de uma academia militar, o caráter “total” da instituição, no sentido dado por Goffman, parece evidente. Na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), que forma os oficiais de carreira da linha bélica do Exército brasileiro, e onde realizei pesquisa de campo em 1987 e 1988, os alunos do primeiro ano são chamados informalmente de “bichos” (Castro, 2004[1990]).⁵ Em particular, o período inicial, enganosamente chamado “de adaptação”, é repleto de exemplos de ruptura brusca com o mundo exterior. Desde o

⁵ Essa característica é de longa duração, podendo ser observada desde a academia militar do Império. Ver, a esse respeito, Castro (1995).

primeiro momento, entram em ação mecanismos daquilo que Goffman chama de “mortificação do eu”, que retiram do indivíduo seu “*kit* de identidade” anterior, trazido do “mundo de fora”. O mesmo pode ser afirmado para a fase inicial do serviço militar obrigatório.⁶

No entanto, se nos colocarmos numa perspectiva mais holista, que envolva os quatro anos do curso, e mais além, que situe a experiência da formação na AMAN como uma etapa da carreira militar, o caráter de “instituição total” passa a ser visto como transitório e passageiro. Creio que, nessa perspectiva, se perde mais do que se ganha ao classificar como “total” a instituição militar, em particular as academias militares, pois as divergências com o modelo de Goffman são grandes, apesar de várias semelhanças formais.

Em primeiro lugar, inexistente uma divisão rígida entre “equipe dirigente” e “internos” (*inmates*). Na cadeia de comando militar não há uma separação da mesma natureza. Embora haja uma barreira intransponível entre oficiais e praças, dentro dessas divisões existem fortes mecanismos de mobilidade social com base no mérito individual. Dentro do corpo de oficiais, as diferenças entre as posições são de grau, não de qualidade. O comandante e os chefes dos cadetes na AMAN já foram, um dia, cadetes – fato recorrentemente enfatizado. Ao contrário das instituições totais típicas, a comunicação informal e o estabelecimento de relações afetivas entre cadetes e oficiais são crescentemente estimulados ao longo do curso. Embora o respeito e a precedência hierárquica devam ser sempre observados, busca-se o estabelecimento de vínculos afetivos entre cadetes e oficiais. Estes devem, no cotidiano da vida militar, “dar o exemplo”, servindo assim de modelos para os cadetes.

Goffman também deixa claro (pp. 23-24) que, nas instituições totais, não se busca uma “vitória cultural” sobre o internado, mas a manutenção de uma tensão entre seu mundo doméstico e o mundo institucional. Essa tensão persistente é usada como “uma força estratégica no controle de homens” (p. 24). Numa academia militar busca-se justamente uma “vitória cultural” e não criar uma “tensão persistente”: a academia é claramente vista como um local de passagem, um estágio a ser superado.

Finalmente, é importante destacar que Goffman trata principalmente dos estabelecimentos de participação compulsória. Numa academia militar, ao contrário, só fica quem quer.

⁶ Ver, a esse respeito, Castro e Chinelli (2006).



Apesar dessas observações críticas em relação à utilização do conceito de “instituição total” para classificar a vida na caserna, reconheço que resta uma qualidade característica do mundo militar que é preciso de algum modo tentar definir.

Ser militar não é uma profissão que se restrinja à jornada de trabalho. Pelo artigo 13, parágrafo 3º do Estatuto dos Militares (Lei nº 6.880, de 9 de dezembro de 1980), a disciplina e o respeito à hierarquia — vistos como a base institucional das Forças Armadas — “devem ser mantidos em todas as circunstâncias da vida entre militares da ativa, da reserva remunerada e reformados.” Chamo atenção para o fato de que a obrigação se estende para além do serviço ativo, incluindo os aposentados, e também para a expressão “em todas as circunstâncias da vida”.

Mesmo fora dos quartéis, os militares estão formalmente sujeitos, por exemplo, a padrões prescritos de comportamento e aos limites impostos pelos “círculos hierárquicos”, definidos no artigo 15º do Estatuto dos Militares como “âmbitos de convivência entre militares de uma mesma categoria”, com a finalidade expressa de “desenvolver o espírito de camaradagem, em ambiente de estima e confiança, sem prejuízo do respeito mútuo.”⁷ Esses círculos hierárquicos regulam, por exemplo, regras de comensalidade — sargentos e oficiais não podem sentar-se à mesma mesa. Não respeitar esses círculos levaria a uma das situações mais temidas pela instituição: a “promiscuidade hierárquica”.

Ao longo da vida militar, há também uma grande concentração de interações dentro de um mesmo “círculo social”, seguindo uma imagem da sociologia simmeliana. Com isso, o “mundo militar” torna-se mais diferenciado, enquanto a individualidade de seus integrantes torna-se mais indiferenciada.⁸ Na vida militar, para além do ambiente de trabalho, os locais de moradia, de lazer e de estudo são também, em grande medida, compartilhados. Essa característica estende-se para cônjuges e filhos, englobando toda a “família militar”. A interação social endógena é estimulada, tanto formalmente, através eventos de confraternização organizados pela instituição, quanto informalmente, através de encontros sociais organizados por colegas de “família militar”. O papel das esposas

⁷ Círculos do Exército: OFICIAIS: Oficiais-Generais; Oficiais Superiores (coronéis, tenentes-coronéis e maiores); Oficiais Intermediários (capitães); e Oficiais Subalternos (tenentes). PRAÇAS: Subtenentes e Sargentos; Cabos e Soldados.

⁸ Ver o capítulo 10 da *Sociologia* de Simmel (1939 [1908]), sobre a ampliação dos grupos e a formação da individualidade.

(e, em certa medida, dos filhos) é fundamental. Há, inclusive, uma reprodução informal – porém óbvia - da hierarquia dos maridos entre as mulheres de militares.



Creio que se ganha mais pensando na instituição militar em termos de uma instituição *totalizante*. Este adjetivo é aqui usado para qualificar o ato de atribuir um caráter *total*. *Totalizante* deriva de *totalizar*, que significa calcular ou formar o total, ter como total, perfazer um total.⁹

A mudança de caracterização — de *total* para *totalizante* — pretende caracterizar melhor uma experiência totalizadora e básica para a identidade militar, que engloba e fundamenta as características diferenciais entre militares e paisanos: a da preeminência da coletividade sobre os indivíduos. O resultado é a representação da carreira militar como uma “carreira total” num mundo coerente, repleto de significação e onde as pessoas “têm vínculos” entre si. O militar é, assim, produto de um desenvolvimento especial do individualismo moderno, posto que profundamente marcado tanto por ideais meritocráticos quanto pela hierarquia – uma espécie de “individualismo hierárquico”.

No cotidiano da AMAN, a experiência da preeminência da coletividade sobre os indivíduos aparece claramente definida na fala de dois cadetes do quarto ano:

“Então a carreira militar, ela pega um universo bastante global — uma das coisas que me fascinam. Ela te abrange no aspecto físico, no aspecto moral, espiritual, intelectual... Quer dizer, em todos os planos. E é isso que eu queria pra uma profissão: uma coisa completa.(...) Lá fora as coisas são muito desvinculadas. (...) As coisas ocorrem mais por interesse, mais por convivência diária ali, que é obrigado a ter, o que não acontece dentro do quartel. (...) aquilo que eu gosto no Exército é esse estilo de vida, em que você acha significado em tudo aquilo que você faz.”

“Me traz muita satisfação ter um uniforme, a consciência de fazer parte do Exército. A gente se sente bem porque não é uma partícula isolada na

⁹ Este é o sentido apontado por João Carreira Bom, em <http://ciberduvidas.sapo.pt/pergunta.php?id=4160> (visita em 27/8/2007). Esse uso pode ser aproximado do tratamento dado por Leirner (1997) a respeito da hierarquia como um “fato social total”, inspirado no conceito clássico de Marcel Mauss.

sociedade, uma pessoa que tem a vida dela e vai pra casa e vai pro trabalho... A gente faz parte de uma coisa muito maior... tanta gente, tantos interesses do país inteiro. Isso traz até uma segurança psicológica e um conforto também, de você fazer parte de uma coisa grande e importante. Isso me traz orgulho, eu me sinto bem de estar aqui. Não sei, acho que eu vou sentir sempre isso. Quando ajo de uma forma que eu não acho coerente com o estatuto militar, eu me julgo um pouco... forçando, agindo contra a minha natureza.”

A experiência da preeminência da coletividade sobre os indivíduos, que instaura a fronteira primordial entre o “aqui dentro” e o “lá fora”, traduz-se, para os cadetes, numa emoção tipicamente militar: a “vibração”. O momento da vibração é um momento de totalização, quando a pessoa se sente integrada num todo “de corpo e alma”, é “o que dá a vontade de ser militar”. Nas palavras de mais um cadete do quarto ano:

“A vibração de um mexe com a outra pessoa, a pessoa passa a vibrar e assim por diante. Aquilo se encadeia, como aquela peça de dominó que cai e todas vão caindo. Quer queira quer não, no Exército você tem uma carga inconsciente imensa, entendeu? Muito grande, muito grande... aquele inconsciente coletivo (...) Sem a gente querer, a gente tá recebendo influência, vibrações.”

Referências bibliográficas

- Castro, Celso. *O espírito militar*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2004 (1990).
———. *Os militares e a República*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
——— e Chinelli, Fernanda. “Serviço militar obrigatório: o ponto de vista dos recrutas”. CD-Rom do 30º Encontro Anual da ANPOCS, out. 2006, Caxambu, MG. 23p.
- Dornsbuch, Sanford M. “The Military Academy as an Assimilating Institution”, *Social Forces*, vol. 33, No. 4 (May 1955), pp. 316-321.
- Goffman, Erving. *Manicômios, prisões e conventos [Asylums]*. São Paulo, Perspectiva, 1974 [1961].

Leirner, Piero. *Meia-volta, volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*.

Rio de Janeiro, Ed. FGV/Fapesp, 1997.

Simmel, Georg. *Sociología*. Buenos Aires, Espasa-Calpe Argentina, 2 v., 1939 [1908].